

*Discurso na cerimônia de assinatura de ato relativo à construção do Complexo Gás-Químico do Rio de Janeiro*

RIO DE JANEIRO, RJ, 19 DE JULHO DE 1997

*Meu caro amigo e Governador do Rio, Marcello Alencar; Ministro Raimundo Brito; Senhores Ministros de Estado que nos acompanham; Dr. Rennó, Presidente da Petrobrás; Dr. Roberto Villa, da Rio Polímeros; Dr. Raphael de Almeida Magalhães; Zito; Senhores Prefeitos que aqui estão; Deputados, Senadores, Empresários; Senhoras e Senhores,*

Normalmente é difícil a quem fala por último agregar algo, e, agora, sendo Presidente, sou sempre o último a falar. Mas há momentos em que, apesar das dificuldades, como disse aqui o nosso Governador Marcello Alencar, é hora de falar. Acho realmente que o que estamos celebrando hoje merece uma consideração de entusiasmo. Eu diria até mais.

É verdade que eu disse há algum tempo que o Rio era o farol do Brasil, e é. O que acontece aqui tem repercussão muito grande, entusiasmo, simboliza e transforma em vontade para os outros. Todos querem fazer o que o Rio faz. Pois bem, nós estamos vendo, aqui no Rio, que a hora é agora. Nós cansamos do “Brasil, o país do futuro”. A hora é agora, as coisas estão acontecendo. Eu acho que isso é que é significativo. E essas coisas, para acontecerem, necessitaram de um certo amadurecimento.

O Governador Marcello Alencar mencionou o fato, e eu sabia, de que o atual Deputado Moreira Franco, quando foi homem do Executivo, levou essa idéia para adiante. E isso é importante. Nós estamos concretizando aspirações. Nem sempre as aspirações podem ser concretizadas; nem sempre depende da vontade do governante: depende de um conjunto de fatores. Por isso eu disse que a hora é agora: porque esse conjunto de fatores está presente no sentimento dos brasileiros. Essa confiança que nós voltamos a ter em nós próprios é que permite que as coisas aconteçam.

E esse modo de acontecer é um modo que tem que ser, necessariamente, um modo novo. Foi por isso que nós, quando organizamos o Conselho Coordenador das Ações Federais, dissemos logo: é preciso definir aquilo que está no ar e que, de alguma maneira, expressa já um desejo. Agora podemos fazer com que ele se cristalize. E é preciso, sempre, ter objetivos claros. Nós definimos três projetos. Mas esses três projetos não resumem a ação do Rio de Janeiro, nem a ação do governo do Rio de Janeiro, nem a ação do Governo Federal no Rio de Janeiro. Esses três projetos apenas simbolizam esse momento de mudança essencial, que é essa transformação do Brasil de um país indeciso para um país decidido. Vamos fazer. Estamos fazendo. Estamos fazendo e, como diz o Governador Marcello Alencar, estamos agora começando a mostrar o que se está fazendo.

O porto – aqui está o Prefeito – é de Itaguaí, não é isso? Sepetiba? Hoje eu já estive lá, eu tenho acompanhado através do Raphael, através do Marcello. As coisas estão acontecendo e vão acontecer. E vão acontecer com serenidade, porque não se trata de um porto a mais: é uma concepção nova, uma concepção que vai permitir que haja todo um eixo de desenvolvimento, no retroporto; mas, mais do que isso, é uma vinculação da região do Rio de Janeiro com o resto do Brasil e com os outros pólos de dinamismo no mundo. É um *hub*, como se diz hoje em dia. Não é isso? Trata-se, efetivamente, de alguma coisa que vai permitir um novo pólo de migração.

Por trás do porto de Itaguaí, nós temos toda a existência de um movimento de privatização das ferrovias. Ontem, o último trecho, a

última malha que não havia sido, ainda, objeto de concessão através de licitações, que foi a do Nordeste, foi concedida. E houve disputa para tomar conta da malha do Nordeste. Todo mundo dizia que seria impossível a iniciativa privada se encarregar dela. Houve disputa entre três parceiros. E houve ágio, um ágio importante. E não é só a malha: além disso, vai se completar o trecho de Salgueiro a Petrolina, que vai permitir depois que o outro eixo que nós estamos, digamos, revitalizando, que é o eixo do rio São Francisco, possa ter saída lá por cima para o porto de Suape. E lá em cima tem o porto de Pecém.

Então, é todo um Brasil novo que está sendo tecido e que começa a aparecer aos brasileiros como uma realidade. E, nessa realidade, aqui estamos com o nosso porto no Rio de Janeiro, além das Docas do Rio de Janeiro, que também estão passando por uma transformação essencial, uma formidável modificação, não é? Nós estamos, realmente, organizando o Rio para esse novo momento do Brasil.

E como é que o Rio poderia entrar nesse novo momento do Brasil, se ele não tivesse também o teleporto e se nós não tivéssemos um empenho muito grande de transformar o Rio, realmente, num eixo de comunicações de telemática, e comunicações as mais modernas do mundo? Estamos fazendo. Vai ser feito. Está sendo construído.

É claro que o Pólo Gás-Químico faz parte desse processo. É o teleporto, é o porto da antiga Sepetiba, atual Itaguaí, é a questão do Pólo Gás-Químico. Mas não é só isso, não. Disse aqui o Governador – e é verdade – que eu fui, hoje, a Quintino. Fomos ver a CEI e as crianças que estão lá, nesse Centro de Educação, educação profissional, centro lúdico também, centro de preparação para a vida, para os estudos, com uma diretora admirável, uma senhora com um entusiasmo contagiante. E, quando sobrevoávamos a região, de Quintino para cá, estava conversando com o Governador Marcello Alencar, com o General Cardoso, com o Secretário Sérgio Amaral, e dizia o seguinte: “Olha o Rio. É verdade que estamos vendo de cima. De baixo, talvez as coisas sejam mais complicadas. Mas, pelo menos vistas de cima, as favelas começam a desaparecer e a dar lugar a uma urbanização. Já há casas feitas com tijolo, já se começa a pintar, cair o tijolo. Já não tem nem sequer a

favela de zinco, para a lua refletir nas casas de zinco. Mas, do ponto de vista de quem mora, já começa a haver o telhado ou a laje de concreto. E já tem a eletricidade.”

E isso está acontecendo porque o País todo está numa vibração diferente. Houve uma transformação na produção do cimento. O cimento, que se vendia em sacos de 60 quilos, vende-se também em saco de um quilo. E, quando se vai ver qual é a expansão da indústria do cimento, é, em grande parte, a indústria “formiguinha”, porque é a família que vai comprar o cimento em pequenas porções, graças à estabilidade da moeda, e vai reconstruindo fisicamente uma marca de que se pode viver um pouquinho melhor.

Não está muito melhor, mas que está melhorando, está. Não se fez tudo que é necessário fazer, mas que os passos estão sendo dados, estão. E estão sendo dados coletivamente. Há uma mudança geral no ânimo dos brasileiros.

Isto aqui, este pólo em que estamos hoje, este Pólo Gás-Químico – é uma enorme quantidade de recursos; o Governador Marcello Alencar é mais pão-duro do que eu: ele disse que o setor público ia dar 16 milhões; não: são 216 milhões, e o privado, 500; eu até preferia a sua solução, mesmo –, este Pólo Gás-Químico é uma marca desse espírito novo.

Esse espírito novo não é só a questão do Rio de Janeiro, não. Por trás disso há muitas decisões importantes. Por trás disso houve uma decisão de modificação da ação da Petrobras e da relação da Petrobras com o setor privado. E, aí, é preciso a compreensão recíproca que está havendo. Enganam-se os que pensam que a Petrobras, porque nós flexibilizamos o monopólio, vai ter dificuldades. Enganam-se redondamente. Eu jamais faria isso com a Petrobras.

Ainda conversando com o Governador Alencar, estávamos comentando que abrimos nossos olhos para a política com a luta pela Petrobras. Só que, hoje, a Petrobras tem um outro papel, porque o Brasil tem uma outra estrutura, as oportunidades são muito maiores, e a Petrobras vai estar à frente dessas novas oportunidades, colaborando para o crescimento do Brasil, como sempre fez. E vai continuar sendo uma empresa do governo, porque é necessário nesse setor e porque nesse

setor ela vai potencializar, como está potencializando, aqui, no Gás-Químico, uma série de outras atividades. E, aqui, ela passa a ter uma posição diferente da anterior, porque ela vai estar já *downstream*, vai estar trabalhando também nas indústrias de terceira geração e, portanto, vai estar solidária com o setor, que estará também nessa área.

Essa é toda uma mudança que não foi fácil de fazer. E nós, evidentemente, vamos tomar em consideração as vantagens imensas do gás de Campos. Segundo ouvi, o Rio de Janeiro vai acabar consumindo todo esse gás de Campos. E, como o Marcello provocou tanto os paulistas, eu tenho que assegurar aos paulistas, que o sou, de coração, que o gás da Bolívia vai para São Paulo.

Mas a verdade é que aqui nós temos, realmente, uma posição privilegiada, porque temos o gás. E era de toda a evidência que era preciso fazer isso, como é de toda a evidência que mais tarde vamos ter de duplicar a produção da usina de Duque de Caxias. E o Prefeito Zito vai ficar zangado comigo se eu não disser que vamos também colocar a geradora movida a gás-termo, não é isso? Então, é todo um conjunto de atividades e de realizações, e nós estamos assistindo à sua consecução aqui no Rio de Janeiro.

Isso é muito importante, porque nós hoje até temos um horizonte simbólico, que são os quinhentos anos do Descobrimento do Brasil e a virada do milênio daqui a poucos anos. Nós temos que ter isto sempre presente, porque temos que virar esse milênio com o novo Brasil, com o Brasil que é esse Brasil confiante, que é esse Brasil que se dá as mãos, um Brasil em que as antigas divergências em que se confrontavam o setor público com o setor privado vão dando lugar a convergências; um Brasil onde a participação popular vai aumentar; um Brasil onde, como diz muito bem o Governador Marcello Alencar, não haverá mais essa oposição, que é infantil, entre o social e o econômico. Isso não existe, a não ser nas mentes parcas de imaginação, que pensam que primeiro é um, depois o outro. Ou vão os dois juntos ou não acontece nada. Ou existe um crescimento econômico, e esse crescimento econômico, de imediato, produz efeitos sociais, ou não vai acontecer nada. Porque nós já passamos por épocas em que houve

crescimento econômico com mal-estar social. E não existe bem-estar social sem crescimento econômico.

Não existe, é uma ilusão de intelectuais que perderam o rumo da História – aliás, perderam o rumo da inteligência, nem da História, porque não são capazes de verificar, de maneira objetiva e simples, a relação, a interconexão óbvia entre o econômico e o social. Por isso é que foi importante e simbólico que nós estivéssemos, nesta manhã, na CEI, lá em Quintino e agora aqui, porque é a mesma coisa.

E eu não posso me esquecer, efetivamente, das visitas que fiz, aqui, a Duque de Caxias, na época da campanha. Não posso me esquecer do que vi nos bairros pobres dessa cidade, do que vi de crianças, de um olhar das pessoas, um olhar perdido, um olhar morto, nem de mormaço, às vezes, da bebida, às vezes, da droga e, sobretudo, do desemprego. A pobreza, a falta de saneamento, isso tudo existe. Isso tudo é que motiva, realmente, que nos leva a, com mais energia e com muita determinação, buscar as mudanças econômicas que darão consequência a mudanças sociais.

Agora, eu não poderia deixar de dizer uma palavra de agradecimento muito sincero ao Dr. Raphael de Almeida Magalhães. Foi generoso, como sempre, na apreciação do esforço que estou fazendo, que nós estamos fazendo. E eu ousaria dizer – não no que se refere a mim, mas no que se refere à concepção do que seja uma liderança democrática – que o que ele disse é o que eu procuro fazer.

Há muita incompreensão no Brasil com respeito à relação entre o Executivo e o Legislativo. Aqueles que tentaram mudar o País sem o Legislativo, ou deram golpes e depois, em nome de combater tudo que se dizia de mau das negociações entre o Executivo e o Legislativo, fizeram a mesma coisa, sem que o povo soubesse, ou não fizeram nada. E os que não foram capazes – e ainda bem – de soterrar o Legislativo, na ditadura, não conseguiram governar. Não citarei nomes porque não é do meu estilo. Mas a História está aí para exemplificar que ou nós definimos uma relação frutífera entre o Congresso e o Executivo, ou nada anda. E nós estamos construindo uma relação frutífera, com todas as negociações abertas, necessárias. E, todas as vezes em que é necessá-

rio, para avançar um passo, ceder aqui ou ali, não há problema nenhum em ceder, à condição de que o rumo seja definido, o caminho esteja sendo palmilhado e que nós possamos entender que estamos é ganhando força para dar um passo mais adiante.

Exemplo maior não pode ter havido do que essas reformas da Previdência e da Administração. E, na Administrativa, está aqui o Deputado Moreira Franco, que deu uma contribuição imensa a ela. Mas exemplo maior não pode existir do que esse, de que nós estamos avançando, levando até o limite do possível – disse o Raphael, ao citar a mim próprio. Pois bem, limite do possível precisa ser bem entendido, porque eu digo sempre que a política não é a arte do possível, é a arte do necessário. Faz-se o que é necessário, mas é preciso levar ao limite, forçar o possível. Mas, quando se tenta o impossível, quando se vai para o impossível numa mera visão, que não é utópica – porque a boa utopia motiva e dá o caminho –, mas que é uma visão fundamentalista, dos desesperados, dos que não têm a razão, que têm só a emoção, e muitas vezes uma emoção distorcida, essa leva ao impasse insuperável. E essa não trilharei nunca.

Por isso nós vamos continuar trilhando o caminho que estamos trilhando no Rio de Janeiro, que estamos trilhando em Brasília, estamos trilhando em todo o Brasil, que é o caminho da convergência, o caminho da busca do entendimento com objetivos definidos. Não a busca do entendimento da acomodação pela acomodação. Não se trata de uma política de conciliações. Ao contrário, é de romper as conciliações existentes e criar um novo Estado, mas de processo de mudança, de transformação. Mas, para que possa haver esse impulso, para que as coisas possam andar, aí, sim, nós temos que juntar as forças e ter a clareza de saber o que pode e o que não pode, quanto pode e em que momento pode. E avançar.

Mas a hora é agora. Que ninguém se iluda. E o Brasil, hoje, não tem mais por que temer o dia de amanhã, porque é um Brasil que tem recursos e, sobretudo, o recurso mais importante, que é o da motivação e o do objetivo. O País está motivado.

Aqui na Petrobras – o Dr. Rennó acabou, no seu discurso, de fazer referências a alguns dos esforços da Petrobras – nós estamos fazendo

uma transformação enorme. Eu espero, em breve, estarmos já com um milhão de barris por dia. Mas não é a questão do milhão: é como é que se obtém isso. O Congresso acaba de aprovar uma lei importantíssima, que é a lei do petróleo. O Governador já está aqui feliz, porque definiu o Congresso que a sede da agência será aqui no Rio de Janeiro. Pois bem, a partir daí, é uma nova fase da política energética no Brasil – como é uma nova fase essa que nós estamos fazendo, da utilização do gás, na questão da Bolívia.

Na próxima semana, irei à Bolívia – irei a Mato Grosso e irei à Bolívia. Para quê? Não é para fazer lançamento de Cabo Canaveral, não, Governador: é para, efetivamente, começar um processo em que os dutos que já estão lá nos pátios das fábricas no sul do Brasil vão ser assentados, ligando o Brasil à Bolívia. Este é um sonho que vem dos anos 50. Só o Ministro Lampreia, que é Ministro do Exterior hoje, há 25 anos trabalha na questão do gás da Bolívia. É o Acordo de Roboré. E o Presidente Rennó estava na Bolívia quando – eu era Chanceler – tive que brigar, e muito, para que fosse possível trazer esse gás da Bolívia.

Isto é uma mudança na concepção do Brasil, porque é um Brasil confiante em si mesmo e que sabe que não tem problema nenhum em entrar em relação com um vizinho seu para buscar uma fonte de energia vital, porque confia em si, confia nos seus vizinhos, confia na paz, tem certeza de que esse é o caminho que vai nos permitir, não a autarquia, mas a capacidade de multiplicar, e por muito, a nossa capacidade energética e, com ela, a nossa capacidade de realização industrial. E aí por diante. É um outro Brasil.

Já falei demais, mas eu não poderia deixar de, ao me referir a tudo isso, agradecer imensamente a ação de todos, do Ministro das Minas e Energia, que tem sido um colaborador discreto, constante, persistente, do meu jeito. E queria dizer, também, que, cada vez que venho ao Rio de Janeiro, realmente volto com as energias, não diria redobradas, mas acalmadas, o que é importante. Não adianta muita energia ficar em espiral. Tem que ter energia para usar com tranquilidade. O Rio me dá isso, me dá essa segurança.

Olho para o Governador Marcello Alencar, que diz que governa de mau humor, mas não é verdade, ele também tem bom humor, também tem isso que nós – posso usar a palavra? São Paulo vai ficar zangado –, nós, cariocas, temos, que é essa capacidade de rir, rir de nós próprios. Mas não o riso do deboche: o riso da tranqüilidade, o riso de quem sabe que as coisas que têm que ser feitas devem ser feitas, serão feitas.

Quando for necessário dureza, que ninguém se iluda, nós a temos. Mas para que, a toda hora, criar dificuldades? Eu digo sempre que não ajudo as dificuldades, prefiro criar condições para que as coisas aconteçam com mais naturalidade. E o Rio de Janeiro me dá essa certeza. E agora que o Rio conquistou a Bahia, coisa que nós nunca conseguimos lá em São Paulo, agora, então, meu Deus, a tranqüilidade é absoluta. Só tem uma pontinha de dúvida: é que o Rennó é mineiro. E aí eu não sei, no fim, quem é que vai levar a melhor.

Mas, de qualquer forma, eu acho que esta manhã, aqui, até, digamos, descontraída, que nós estamos vivendo, só pode ser vivida porque nós temos um grande povo: é o povo aqui de Duque de Caxias, é o do Rio de Janeiro, é o do Brasil. E eu agradeço imensamente a vocês todos por esse espírito, aos empresários, à Petrobras, ao Raphael, ao Marcello. Enfim, vamos em frente que a hora é agora.

Muito obrigado.

